



IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE
III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia
26 a 29 de outubro de 2009 - PUCPR

A MOTIVAÇÃO DE ALUNOS ADOLESCENTES ENQUANTO DESAFIO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

CAVENAGHI, Ana Raquel Abelha – UEL
prof.anaraquel@hotmail.com

BZUNECK, José Aloyseo – UEL
bzuneck@sercomtel.com.br

Área Temática: Formação de Professores e Profissionalização
Agência Financiadora: Fundação Araucária

Resumo

O presente trabalho aborda a problemática do declínio motivacional de alunos adolescentes diante das atividades acadêmicas. A motivação é, atualmente, um dos principais problemas enfrentados pelos professores em sala de aula. A literatura tem ressaltado que quando o aluno atinge a fase da adolescência a sua motivação escolar diminui e, por consequência, o seu engajamento acadêmico também decresce. Para que o processo de aprendizagem ocorra de maneira satisfatória, é necessário que o estudante tenha certo interesse pela aprendizagem. Porém, no contexto escolar, muitas vezes, o professor fica sem saber como agir diante da falta de vontade dos adolescentes em se empenharem para realizar as tarefas escolares. Adolescentes desmotivados passam muito tempo na escola fazendo atividades nas quais não estão interessados ou motivados, o que pode causar frustração e insatisfação levando a um comportamento não-social. Dessa forma, é importante ressaltar que a formação que os professores vêm recebendo em cursos de graduação ou de aperfeiçoamento parece não satisfazer a necessidade desses profissionais em saberem lidar com situações de motivação de alunos na fase da adolescência. Portanto, o objetivo desse estudo é proporcionar ao professor a compreensão de aspectos ligados à motivação de adolescentes mostrando caminhos possíveis para que ele possa intervir na melhoria da motivação dos alunos. Assim, para que o professor aprenda a utilizar estratégias adequadas é preciso que ele ultrapasse o senso comum, buscando conhecer o que a literatura tem divulgado e que toda a escola trabalhe em um único sentido a fim de promover uma motivação positiva para a aprendizagem.

Palavras-chave: Motivação escolar; Adolescentes; Formação do professor.

Introdução

A motivação é um aspecto importante do processo de aprendizagem em sala de aula, pois a intensidade e a qualidade do envolvimento exigido para aprender dependem dela. Os

estudantes desmotivados pelas tarefas escolares apresentam desempenho abaixo de suas reais potencialidades, distraem-se facilmente, não participam das aulas, estudam pouco ou nada e se distanciam do processo de aprendizagem. Assim, aprendem pouco correndo risco de evadir da escola limitando suas oportunidades futuras. Ao contrário, um estudante motivado mostra-se envolvido de forma ativa no processo de aprendizagem, com esforço, persistência e até entusiasmo na realização das tarefas, desenvolvendo habilidades e superando desafios (BZUNECK, 2009; GUIMARÃES; BORUCHOVITCH, 2004).

Portanto, Lens, Matos e Vanteenkiste (2008) alertam que a motivação não deve ser considerada como um traço relativamente estável da personalidade. Ela é um processo psicológico no qual interagem as características de personalidade e as características ambientais percebidas. Isso implica que a motivação dos alunos pode ser modificada através de mudanças nos mesmos, mas também através da mudança no seu ambiente de aprendizagem escolar. Pintrich e Schunk (1996) completam essa ideia dizendo que a motivação é um processo pelo qual a atividade direcionada a uma meta é instigada e sustentada, ou seja, a motivação é responsável pelo porquê das pessoas decidirem fazer alguma coisa, quanto tempo elas estão desejosas de sustentar ou expandir a atividade e em que grau irão sustentar a atividade.

A motivação de adolescentes é uma questão importante para pais, professores e também pesquisadores (por ex., ANDERMAN; MAHER, 1994; KAPLAN; MAHER, 2002; ZUSHO; PINTRICH, 2001). Há um claro declínio na motivação dos alunos quando atingem as séries finais do ensino fundamental e/ou quando chegam ao ensino médio. Os pais e os professores ficam surpresos quando seus filhos e alunos perdem a curiosidade e energia a ponto de se tornarem apáticos e mal-humorados. Todavia, não são todos os estudantes que se encontram sem vontade para o estudo. Há aqueles que se esforçam e se envolvem com as atividades escolares.

De acordo com Boekaerts (2003), Pajares e Urdan (2003) e Zusho e Pintrich (2001), a adolescência atual difere em muitos aspectos da juventude de um século atrás, pois esta fase da vida tem mudado significativamente ao longo da história e tem sido prolongada pela sociedade moderna. Com essas mudanças surge para o professor o desafio de motivar o adolescente moderno a se engajar nas atividades escolares. O jovem de hoje parece viver em constante conflito de interesses, seduzido por uma infinidade de atrativos da sociedade moderna e, em suas prioridades, muitas vezes, acabam por prevalecer outros interesses

sociais, como o direcionamento de sua atenção aos amigos em que esta relação que há menos orientação e controle dos adultos passa a ter grande importância e intensidade em sua vida, diminuindo o interesse pelas atividades acadêmicas.

Uma Breve Caracterização da Adolescência

Por adolescente entende-se a pessoa entre doze e dezoito anos de idade, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2009). A adolescência, como ressaltam Wigfield e Tonks (2002), é um tempo em que ocorrem muitas mudanças: as biológicas associadas à puberdade, as sociais e educacionais resultantes da transição nas séries escolares e, mudanças na relação com a família e amigos. Essas mudanças têm impacto significativo na variedade de resultados desenvolvimentais, pois mesmo que muitas crianças passem por essas mudanças facilmente, outras têm dificuldade e com isso vem o risco para vários resultados negativos. As mais importantes mudanças são notadas no aumento da propensão do indivíduo a pensar abstratamente, considerar o hipotético bem como o real, engajar-se nas mais sofisticadas e elaboradas estratégias de processamento de informação, considerar múltiplas dimensões de um problema de uma vez, e refletir a partir de problemas complicados. Tais mudanças têm influências potencialmente importantes na aprendizagem do adolescente e também importantes implicações para o autoconceito do indivíduo e para a motivação.

Com a chegada da adolescência e com todas as mudanças pertinentes a esta fase, a criança se desenvolve fisicamente adquirindo um corpo adulto e é preciso abandonar a identidade infantil para atender às novas demandas que lhe são impostas e entender sua nova posição enquanto pessoa. O adolescente, então, começa a pensar mais sobre si mesmo e a se perceber como uma entidade à parte de seus pais e família, isto é, como um ser independente e único. Nesta fase a aprovação ou reconhecimento das pessoas que são significativas para o jovem é muito importante para a construção de sua identidade. Dessa maneira, os estudantes adolescentes vão melhor na escola quando eles se sentem fortemente ancorados na identidade de suas famílias, comunidades e amigos. Por isso, os professores necessitam se conectar significativamente com seus estudantes adolescentes, estabelecendo uma relação de confiança com eles e, na medida do possível, referindo-se às experiências deles fora da escola junto ao conhecimento da sala de aula (HOY; DEMERATH; PAPE, 2001; LA GUARDIA; RYAN, 2002).

Eccles e Midgley (1989) argumentam que o desenvolvimento pubertal e cognitivo dos adolescentes anunciam que eles não querem um clima de comparação e competição no ambiente escolar, mas um ambiente de aprendizagem desafiador para o desenvolvimento de sua competência. Além disso, durante essa idade de exploração da identidade, querem oportunidade para tomar decisões na sala de aula e conectar o que está sendo aprendido com interesses pessoais e experiências. E, por último, desejam estender contatos com colegas de classe e com professores nesse tempo da vida em que os adolescentes tentam alcançar uma autonomia emocional dos pais e, por isso, eles têm necessidade de modelos não-familiares.

Porém, o que acontece muitas vezes é que alguns adolescentes passam mais tempo nas ruas do que na escola ou em casa, pois não conseguem ver relação entre o que é aprendido na escola com melhores condições de vida no futuro. Mesmo que a escola possa proporcionar aprendizagem interessante e relevante, em alguns casos não é suficiente, pois o mais poderoso atrativo pode vir dar ruas. Portanto, a adolescência é caracterizada por uma forte necessidade de explorar o ambiente e experimentar coisas novas. Os adolescentes desengajados do ambiente acadêmico estão mais propensos a se envolverem em situações de risco como o uso de drogas, violência e gravidez. Alguns deles vêm manifestando atos de violência na escola através do vandalismo, roubo, agressões verbais e físicas aos colegas e professores. O desinteresse dos jovens pelas atividades escolares é uma questão preocupante e séria, pois suas consequências podem ter efeitos duradouros (BZUNECK; BORUCHOVITCH, 2003; ROESER; GALLOWAY, 2002).

Algo que vem se tornando comum entre os adolescentes são as culturas de grupo. Camacho (2000) lembra que essas culturas de grupo tanto podem levá-los a se esforçarem na escola, se o esforço for visto como importante para o grupo ou a se comportarem mal, não estudar e até serem violentos por incrementar sua imagem no grupo. Assim, para alguns grupos, aquele que se dedica aos estudos e se comporta de acordo com as regras é considerado “bicha”. A tipificação do machismo tem ligação com a coragem para quebrar as regras, atacar e não estudar, tanto quanto não falhar. Muitas vezes, os adolescentes mudam seus comportamentos se empenhando aquém de suas capacidades para ser aceito pelo grupo.

Portanto, para alguns jovens adolescentes estudantes o aumento na reflexão, autonomia e exploração da identidade conduz a novos interesses acadêmicos, incrementa a aprendizagem autorregulada e o compromisso com a educação. Porém, para muitos adolescentes iniciais marca o começo de uma tendência acadêmica descendente. Mais até que

outras idades, jovens adolescentes duvidam de suas capacidades de sucesso nas tarefas escolares, questionam o valor de fazer as tarefas escolares e o esforço diante das atividades acadêmicas decresce, correndo o risco de abandonarem a escola (RYAN; PATRICK, 2001).

Problemas de Motivação na Adolescência

A motivação de alunos adolescentes tem sido considerada um desafio a ser enfrentado pelos professores na escola. Muitos professores reclamam da falta de interesse dos alunos nessa idade. Ressaltam que os estudantes não cumprem as tarefas em classe nem em casa, mesmo que valham nota, que relutam para começar uma atividade, que se distraem facilmente, que não respondem às perguntas ou simplesmente dizem: “não sei”. Alguns chegam a ser desordeiros, enfrentando a professora, outros se escondem ou dormem. Alguns vão para a escola só para ver os amigos (BZUNECK, 2009). Esses problemas ocorrem, como complementa Stipek (1998), porque à medida que o aluno sobe de série seu interesse diminui e ele começa a duvidar de sua real capacidade para aprender determinadas matérias. Na escola fundamental e média, os alunos não têm escolhas em relação aos currículos e como não podem evitar as tarefas, muitas vezes as encaram com baixo esforço, atenção pobre ou desistência. Assim, se um aluno das séries mais avançadas possui uma autoconfiança muito baixa, a consequência é o abandono escolar.

Há um número expressivo de alunos que não consegue ter êxito na escola e existem evidências concretas de que estes sub-rendimentos ou fracassos não são por incapacidade cognitiva, mas podem ser determinados pelos fatores motivacionais (BORUCHOVITCH, 1999). Nesse sentido, Bzuneck (2001; 2009) destaca que alguns tipos de motivação são menos eficazes que outros, como o caso de alunos que estão motivados a fazer rápido uma atividade para entregar logo, mesmo que com baixa qualidade devido ao menor envolvimento. Ou o aluno que tem interesse exagerado pelas notas, pelo diploma, por ser o melhor da turma, o medo de reprovar e de parecer incompetente. Essa distorção de objetivos, além de prejudicar a qualidade da aprendizagem, também vem acompanhada de emoções negativas como o medo do fracasso, a ansiedade, frustração e irritação. Ainda, há alunos que, por qualquer motivo, interrompem várias vezes a tarefa ou a encerram antes de atingirem um padrão mais alto de qualidade que lhes seria possível, caso seu trabalho mental fosse mantido, e isso significa simplesmente ausência de um verdadeiro esforço.

Stipek (1998) alerta para a dificuldade de se identificar qual aluno sofre de problemas de motivação que podem se manifestar em seus comportamentos reveladores. Certos comportamentos desejáveis em classe e um desempenho escolar satisfatório podem mascarar sérios problemas motivacionais, enquanto que um mau rendimento em classe pode, às vezes, não ser causado simplesmente por desmotivação. Dessa maneira, a identificação de reais problemas de motivação depende de um conhecimento mais acurado do aluno e, portanto, não é possível diagnosticar comportamentos motivacionais apenas pela observação. E como completa Tollefson (2000), para que ocorra mudança nos comportamentos, muitas vezes, é necessário que o professor mude a sua forma de ensinar, o que pode implicar que a estrutura da escola também seja alterada no sentido de encorajar e facilitar o desenvolvimento profissional dos professores.

Em nosso sistema escolar, a passagem para a 5ª série do ensino fundamental tem sido apontada como causadora de problemas de adaptação por parte dos alunos, que acabam refletindo-se em sua motivação. E quanto mais avançadas as séries, os problemas tendem a ser mais complexos e profundos, por terem raízes naqueles que se originaram nas séries iniciais e por sofrerem influência das novas exigências dos diferentes tipos de disciplinas, aliadas às características evolutivas dos alunos. Além disso, a partir da 5ª série os conteúdos ficam complexos, sendo mais difícil para os alunos manterem um desempenho elevado. Ainda, na adolescência eles se tornam mais críticos quanto aos professores, à metodologia de ensino, ao conteúdo que lhes é ministrado e às atividades escolares (BOEKAERTS, 2003; BZUNECK, 2009).

Nesse sentido, Roeser e Galloway (2002) propuseram explicações ao fenômeno da queda da motivação na adolescência. Uma delas é a de que este fato tem sido relacionado com a maturação pubertal, em virtude do jovem direcionar sua atenção para a aparência física e para as novas relações sociais. Outra razão relaciona-se à possibilidade de conflitos que podem surgir no processo de formação de identidade ou ao número de mudanças que ocorre neste período o qual pode interferir no engajamento acadêmico. Em suma, o declínio na motivação do adolescente pode ocorrer por diversas razões, porém a natureza das experiências vividas no âmbito escolar pode ser um dos fatores mais significativos para a explicação deste fenômeno.

Portanto, um fator que pode contribuir para o declínio na motivação do adolescente é o próprio ambiente escolar de sala de aula. Segundo Brophy (1999) e Bzuneck (2009), esse

ambiente é considerado diferente dos outros contextos sociais a que as pessoas estão acostumadas, pois a frequência é obrigatória, os conteúdos são previamente selecionados, com atividades prescritas até quanto aos detalhes de execução e nem sempre correspondem às necessidades dos alunos. Os conteúdos são bem variados, contando-se entre eles alguns que são árduos, embora de algum modo significativos e relevantes, o que nem sempre é evidente para o aluno. É necessário desempenho em tarefas e provas para atingir uma nota e evitar o fracasso, que pode causar desapontamento e humilhação. Dessa forma, o envolvimento dos alunos nas atividades escolares ocorre mais para cumprir as exigências impostas pela escola do que para usufruir das aprendizagens que ela pode proporcionar.

A literatura ressalta que a escola tem um grau de controle significativo sobre certos aspectos que podem contribuir para desmotivar alunos adolescentes (ANDERMAN; MAEHR, 1994; BZUNECK, 2009; KAPLAN; MAEHR, 2002). Dentre eles, está a crença de que o êxito acadêmico é resultado exclusivo da inteligência e não uma consequência da dedicação e do empenho. Com isso, a inteligência passa a ser entendida como uma característica fixa da pessoa, tornando-se bastante habitual na escola valorizar a capacidade relativa do indivíduo em termos de nota e comparação com os colegas, ao invés dos progressos individuais na aprendizagem. No início da adolescência, o jovem já é capaz de perceber a diferença entre a capacidade e o empenho e, se acreditar que a capacidade intelectual é algo fixo, pode começar a evitar investir esforço nas atividades escolares. Ao contrário, quando o aluno entende que a inteligência é algo maleável, há maiores chances de que ele se esforce nas tarefas acadêmicas e se preocupe mais com o próprio crescimento intelectual e o domínio do conteúdo.

Zusho e Pintrich (2001) também destacam a importância das crenças motivacionais em relação aos estudos focalizando dois componentes globais como essenciais à motivação do adolescente: as expectativas e a valorização. As expectativas consideram as crenças de controle e de autoeficácia. Com isso, se o jovem acredita em suas capacidades e assume responsabilidade pela sua própria aprendizagem e resultados, ele tem maior probabilidade de persistir na tarefa e vir a ter sucesso acadêmico. Já a valorização envolve as orientações às metas de realização (que se refere aos diferentes propósitos que um estudante pode adotar em relação a uma tarefa) e a valorização das atividades acadêmicas (que se refere à percepção de utilidade destas atividades). Neste sentido, ambientes que valorizam o processo de

aprendizagem com atividades significativas têm maiores chances de desencadear em seus alunos comportamentos positivos em relação ao aprender.

Dessa maneira, é importante adequar o contexto de sala de aula às necessidades de desenvolvimento do jovem para fomentar a motivação para aprender. A falta de adequação da escola em fazer um ajuste entre as necessidades de desenvolvimento do adolescente e o contexto de sala de aula, em parte, explica a diminuição da motivação deste jovem pelas atividades acadêmicas. A escola, muitas vezes, tem se apresentado pouco preparada para trabalhar adequadamente com alunos na fase da adolescência. Cada nível de desenvolvimento requer ambientes adequados, ou seja, mudanças nas necessidades dos aprendizes devem ser combinadas com mudanças nos contextos (ECCLES; MIDGLEY, 1989; KAPLAN; MAHER, 2002; RYAN; PATRICK, 2001).

Considerações Finais: Papéis do Professor na Motivação de Alunos Adolescentes

Diante do que foi exposto, pode-se considerar que uma tarefa desafiadora para os professores é a motivação de adolescentes devido as suas características nessa faixa etária. Portanto, quando se deseja promover motivação positiva para aprender, devem-se evitar algumas características muito comuns em ambiente escolares. Entre elas estão a ênfase nas notas, o clima competitivo, a formação de grupos homogêneos por capacidade, as excessivas regras, a valorização da capacidade relativa, as poucas oportunidades de escolhas, as atividades desinteressantes e pouco desafiadoras, a relação mais impessoal entre professor e aluno e as rígidas formas de avaliação (ANDERMAN; MAEHR, 1994; ECCLES; MIDGLEY, 1989; KAPLAN; MAEHR, 2002; ZUSHO; PINTRICH, 2001).

Na adolescência, complementam esses autores, o jovem anseia por experiências novas e desafiadoras, autonomia, independência, interações sociais, ter sua individualidade respeitada, ser aceito. Além disso, precisa de contextos não comparativos, questiona a importância daquilo que está aprendendo e quer se sentir capaz de enfrentar os desafios escolares. No entanto, muitas escolas parecem proporcionar um ambiente que não leva em conta essas necessidades de desenvolvimento do adolescente. Em outras palavras, há contextos em que prevalecem a competição no momento em que o jovem está preocupado com ele próprio, com sua aparência e seu desempenho em relação aos demais; que proporciona relações impessoais entre professor e aluno, quando ele precisa de apoio,

orientação, aceitação e vínculo; que a metodologia se resume a aulas expositivas, exigindo a memorização e proporcionando poucas oportunidades de escolha por parte dos alunos, quando estes estão em pleno desenvolvimento sociocognitivo e querem exercer sua autonomia.

Nesse sentido, o objetivo motivacional que os professores devem buscar diariamente na sala de aula, como ressalta Brophy (1999), é o desenvolvimento e a manutenção da motivação para aprender com as atividades acadêmicas (em oposição à motivação para *performance*), fazendo com que os alunos considerem tais atividades significativas e merecedoras de envolvimento. Aprender refere-se ao processamento da informação, buscar sentido e avançar na compreensão ou domínio, o que acontece quando alguém está adquirindo conhecimento ou habilidade. A palavra *performance* é utilizada no sentido de demonstrar o conhecimento ou a habilidade depois que eles foram adquiridos e, portanto, a preocupação é apenas com o desempenho final.

Em outras palavras, trabalhar em prol da motivação para aprender consiste em fazer com que os alunos possam se engajar nas atividades escolares, mesmo que eles não considerem tais atividades prazerosas, mas que possam abraçá-la com seriedade, esforçando-se para alcançar os benefícios que a aprendizagem proporciona. Diferentemente disso, é tentar fazer um controle do comportamento dos alunos, dando ênfase apenas na *performance*, enfatizando a frequência obrigatória, as notas, tarefas, ignorando o processo e valorizando apenas o produto.

Por essa razão, Bzuneck (2001) lembra da necessidade de que os alunos sejam socializados a desenvolverem uma ligação muito clara entre esforço e bons resultados, ou seja, precisam acreditar que tais resultados não ocorrerão sem seu comprometimento efetivo em termos de esforço sustentado. E entre certos educadores deve ser superado aquele mal-entendido de que as atividades em sala de aula devem ser todas agradáveis e prazerosas, a serem exercidas com tarefas sempre atraentes e divertidas. Para um esforço eficaz, apenas a motivação não é suficiente, mas deve ser complementada com o conhecimento e uso de estratégias adequadas de aprendizagem ou métodos eficazes de estudo, que por sua vez supõem uma motivação específica para se desenvolverem.

Ainda, Brophy (1999) alerta que o professor também deve ter em mente que o nível motivacional deve ser otimizado e não maximizado. Em outras palavras, o nível ótimo de motivação é aquele que não é o mais baixo e nem o mais alto, mas que se encontra em um

nível médio, pois a motivação escolar deve ser serena, equilibrada e contínua. O que interessa não é aumentar excessivamente o nível motivacional em termos de quantidade porque pode gerar ansiedade, mas fazer com que esse nível seja otimizado em termos de qualidade.

Por fim, cabe ao educador a função de criar condições para que o estudante desinteressado se torne motivado e de proporcionar um ambiente que sustente e otimize a motivação dos aprendizes perante as atividades escolares para que eles as valorizem e desejem nelas se engajar. A motivação para aprender deve ser estimulada pela intervenção permanente do professor mediante estratégias de ensino adequadas e isso exige que o professor ultrapasse o senso comum. Ou melhor, é preciso buscar informações e alternativas por meio da literatura, pesquisas científicas, cursos de capacitação, entre outros. Assim, torna-se importante que estas novas informações sejam objetos de reflexão não somente do professor, mas também da direção da escola e de toda equipe pedagógica, para que atuem em um único sentido fazendo adequações, quando necessário, no contexto escolar em busca de novas alternativas (BROPHY, 1999; BZUNECK, 2009).

REFERÊNCIAS

ANDERMAN, E. M.; MAHER, M. L. Motivation and schooling in the middle grades. **Review of Educational Research**, n.64, p. 287-309, 1994.

BOEKAERTS, M. Adolescence in dutch culture: a self regulative perspective. In: PAJARES, F.; URDAN, T. (Eds.). **Adolescence and Education: international perspectives**. Greenwich, Conn.: Information Age Publishing, 2003, p. 99-122.

BORUCHOVITCH, E. Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: considerações para a prática educacional. **Psicologia: Reflexão e crítica**, v.12, n.2, p. 361-367, 1999.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências**. Disponível em: <http://apache.camara.gov.br/portal/arquivos/Camara/internet/publicacoes/estatutocrianca.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2009.

BROPHY, J. Research on motivation in education: past, present, and future. In: URDAN, T. C.; MAEHR, M.; PINTRICH, P. R. (Eds.). **Advances in Motivation and Achievement**. v. 11. Greenwich: Jai Press, 1999. p.1-44.

BZUNECK, J. A. O esforço nas aprendizagens escolares: mais que um problema motivacional do aluno. **Revista Educação e Ensino – USF**, n.6, p.7-18, 2001.

BZUNECK, J. A. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (orgs.). **A Motivação do Aluno: Contribuições da psicologia contemporânea**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 9-36.

BZUNECK, J. A.; BORUCHOVITCH, E. Adolescence and education: contemporary trends in Brazilian research. In: PAJARES, F.; URDAN, T. (Eds.). **Adolescence and education: international perspectives**. Greenwich, Connecticut: Information Age Publishing, 2003, p. 215-236.

CAMACHO, L. M. Y. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.27, n.1, p.123-140, jan./jun. 2001.

ECCLES, J. S.; MIDGLEY, C. Stage-environment fit: developmentally appropriate classrooms for young adolescents. In: AMES, C.; AMES, R. (Eds.). **Research on Motivation in Education**. San Diego, California: Academic Press, 1989. p.139-186.

GUIMARÃES, S. É. R; BORUCHOVITCH, E. O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da Teoria da Autodeterminação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.17, n. 2, p.143-150, 2004.

HOY, A. W.; DEMERATH, P.; PAPE, S. Teaching adolescents: engaging developing selves. In: URDAN, T.; PAJARES, F. **Adolescence and Education: general issues in the education of adolescents**. v.1. Greenwich, Conn.: Information Age Publishing, 2001. p.119-161.

KAPLAN, A.; MAHER, M. L. Adolescents' achievement goals: situating motivation in sociocultural contexts. In: PAJARES, F.; URDAN, T. (Eds.). **Academic Motivation of Adolescents**. Greenwich, Conn: Information Age Publishing, 2002. p.125-167.

LA GUARDIA, J. G.; RYAN, R. M. What adolescents need: A self-determination theory perspective on development within families, school, and society. In: PAJARES, F.; URDAN, T. (Eds.). **Academic Motivation of Adolescents**. Greenwich, Connecticut: Information Age Publishing, 2002. p. 193-219.

LENS, W.; MATOS, L.; VANSTEENKISTE, M. Professores como fonte de motivação dos alunos: O quê e o porquê da aprendizagem do aluno. **Educação**, Porto Alegre, v.31, n.1, p.17-20, jan./abr. 2008.

PAJARES, F.; URDAN, T. Foreword. In: PAJARES, F.; URDAN, T. (Eds.). **Adolescence and Education: general issues in the education of Adolescents**. Greenwich, Connecticut: Information Age Publishing, 2001.

PINTRICH, P. R; SCHUNK, D. H. **Motivation in Education: theory, research, and applications**. Englewood Cliffs, N.J: Prentice Hall, 1996.

ROESER, W. R.; GALLOWAY, M. K. Studying motivation to learn during early adolescence: a holistic perspective. In: PAJARES, F.; URDAN, T. (Eds.). **Academic Motivation of Adolescents**. Greenwich, Connecticut: Information Age Publishing, 2002. p. 331-372.

RYAN, A. M.; PATRICK, H. The Classroom Social Environment and Changes in Adolescents' Motivation and Engagement During Middle School. **American Educational Research Journal**, v.2, n.38, p.437-460, 2001.

STIPEK, D. **Motivation to Learn: from theory to practice**. 3.ed. Englewood Cliffs, N.J: Prentice Hall , 1998.

TOLLEFSON, N. Classroom applications of cognitive theories of motivation. **Educational Psychology Review**, v.12, n.1, p. 63-83, 2000.

WIGFIELD, A.; TONKS, S. Adolescents' Expectancies for Success and Achievement Task Values During the Middle and High School Years. In: PAJARES, F.; URDAN, T. (Eds.). **Academic Motivation of Adolescents**. Greenwich, Connecticut: Information Age Publishing, 2002. p. 53-82.

ZUSHO, A.; PINTRICH, P. R. Motivation in the second decade of life: the role of multiple developmental trajectories. In: URDAN, T.; PAJARES, F. **Adolescence and Education: general issues in the education of adolescents**. Greenwich, Connecticut: Information Age Publishing, 2001. p.163-200.